

**BONNET, C., PIRENNE-DELFORGE, V., PRAET, D. (Éd.) Les Religions Orientales dans le Monde Grec et Romain: Cent Ans après Cumont (1906-2006). Bilan Historique et Historiographique. Colloque de Rome, 16-18 Novembre 2006. Bruxelles-Rome: Institut Belge de Rome, 2009, 464 p.**

*Claudia Beltrão da Rosa*<sup>\*</sup>

**Les religions orientales dans le paganisme romain**, do historiador e arqueólogo belga Franz Cumont (1868-1947), foi publicado em 1906 e revisado pelo autor em 1909, consolidando o texto que recebeu diversas edições, em vários idiomas, até nossos dias. Trata-se de uma obra capital para os estudos das religiões antigas, tornando-se, na definição dos organizadores do livro coletivo em foco, um “*numen tutélaire*” da pesquisa e da compreensão das religiões antigas (BONNET; PIRENNE-DELFORGE; PRAET, 2009, p.5).

A obra de Cumont propôs e consolidou a ideia de um Oriente geográfica e temporalmente muito amplo, incluindo a Ásia Menor, o Egito, a Síria e a Pérsia. Seu *Oriente* é uma categoria construída como um espelho invertido da *cultura clássica*, ressaltando o que haveria de diferença e aquilo que seria passível de assimilação pela cultura greco-romana. Cumont consolidou, com *Les religions orientales...*, a categoria das *religiões orientais* como elo de ligação entre o *paganismo* e o cristianismo, e sua obra segue um nítido padrão de processo evolutivo moral que necessariamente culminaria no

---

<sup>\*</sup> Professora associada do Departamento de História e do PPGH da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio).

cristianismo como religião universal. O eixo analítico deste processo é o conceito de *cultos de mistérios* que, por seu rigor lógico, tornou-se indiscutível para várias gerações de historiadores, antropólogos, sociólogos, filósofos e outros estudiosos. A suposta “superioridade moral” dos cultos de mistérios derrotaria facilmente a fria religião romana, abrindo o caminho para a vitória inexorável do cristianismo, em sua conquista do Império Romano.

O desenvolvimento de estudos sobre as religiões antigas, contudo, trouxe à luz dados e evidências, especialmente arqueológicas e epigráficas, que resistiam a tal modelo explicativo e, nas últimas décadas, pesquisas sobre as religiões do Mediterrâneo antigo vêm, paulatinamente, conseguindo ultrapassar grandes dificuldades teóricas, preconceitos e generalizações abusivas que marcaram os estudos das religiões antigas – o que Mary Beard e Michael Crawford, em meados da década de 1980, definiram como as “premissas cristianizantes” no estudo das religiões do Império romano (BEARD; CRAWFORD, 1985, p.26-7), reveladas especialmente pela terminologia utilizada para denominar tais religiões: por exemplo, o termo *paganismo*, de cunho pejorativo e nascido na polêmica cristã, é ainda recorrente na historiografia. O uso do termo *paganismo* leva a uma ilusão de unidade na miríade de religiões das cidades imperiais romanas, à percepção equivocada de que compunham *um* sistema religioso unificado que não apenas dificulta a observação e a compreensão das diversas religiões antigas, mas também gerou uma busca incansável por “tendências monoteístas” em cultos como os de Ísis ou Mitras, e à sua definição como religiões “mais verdadeiras”, ou mais aptas a atender às “necessidades religiosas” dos grupos humanos, um raciocínio do tipo *post hoc ergo propter hoc*.

Décadas de estudos sobre as religiões antigas demonstraram ainda o quanto o modelo cumoniano era tributário de categorias do imaginário europeu e europeizado moderno, especialmente a oposição Ocidente x Oriente, uma oposição que não corresponde às classificações antigas, e a cosmovisão secularizante e racionalista do século XIX d.C, que levou à interpretação da religião romana como um fenômeno exclusivamente político, perfazendo uma religião fria e manipuladora, tema que pontuamos em publicação recente (BELTRÃO, 2006).

O livro coletivo ora em observação é resultado de um Colóquio ocorrido em 2006, reunindo uma plêiade de estudiosos das religiões antigas de várias instituições de ensino e pesquisa internacionais para a análise do tema das

“religiões orientais”, dividindo-se, após a Introdução dos organizadores, em quatro partes:

- a. *Mise en perspective*, que reúne artigos de C. **Bonnet**, introduzindo o tópico do modelo cumoniano e propondo sua releitura; de W. **van Andringa** & F. **van Haeperen**, que analisam as relações entre romanos e estrangeiros a partir dos *sacra peregrina*; de Ch. **Auffarth**, M.F. **Baslez** & S. **Ribichini** que, em linhas gerais, propugnam a ideia de “religiões em contato” através do conceito de *interpretatio*, e de A. **Mastrocinque**, que traz reflexões sobre o tópico da magia em relação às “religiões orientais”;
- b. *Les “religions orientales”: débat autour d’un concept*, com os artigos de G. G. **Stroumsa**, que parte da análise do “orientalismo” do século XIX e suas relações com a construção do modelo das religiões orientais; de W. **Burkert**, que analisa o conceito cumoniano de “Oriente”; de J. **Alvar**, que lida com a questão conceitual e taxonômica dos cultos de mistérios, e de P. **Xella** que, ao analisar a categoria conceitual de *sincretismo*, apresenta suas limitações à luz das pesquisas recentes sobre as interações religiosas no Império romano;
- c. *À la croisée des pratiques, des discours e des images: spécificités, parentés*, que traz os artigos de T. **Kaiser** sobre o panorama dos cultos religiosos em Dura-Europos; de J. **Scheid**, com um estudo sobre o estatuto do culto de Isis na Roma do principado; de R. **Veymiers**, que analisa a construção da imagem de Serápis em joias e objetos de luxo antigos; de M. **Martens**, com a análise de um festival em honra de Mitrás em Tienen, na atual Bélgica, e do *mithraeum* local; de V. **Huet**, com uma análise comparativa confrontando relevos de Mitrás e o que se considera “relevos romanos tradicionais”, decidindo pela dificuldade de se estabelecer uma ruptura nos padrões artísticos dos primeiros; de J. M. **Pailler**, que analisa a invenção da figura divina de Sabázios em cidades do Mediterrâneo romano e de G. **Garbati**, que analisa representações figurativas de Bes na Sardenha.

d. *Transferts, ancrages et identités*, com os artigos de Y. **Ustinova** que, a partir da análise de elementos religiosos iranianos em cidades gregas do litoral do Mar Negro, questiona o tópico tradicional da “orientalização” da religião antiga; de E. M. **Grijalvo**, que apresenta uma análise sobre cultos de divindades egípcias na Atenas romana; de P. F. **Beatrice**, que estuda o pensamento teológico de Porfírio na construção cumoniana das “religiões orientais”; de D. **Praet**, com a análise das relações existentes entre as teses de Cumont e sua interpretação da *Vida e Apolônio de Tiana* e de elementos religiosos do neopitagorismo; de J. **Lightfoot**, que estuda cultos do Oriente Próximo romano a partir da *Apologia* do Pseudo-Melitão; de C. **Cremonesi**, que analisa o papel de práticas religiosas ascéticas na construção do “Oriente” como o “Outro” cultural e religioso, e de A. **Busine** que, a partir da análise da interpretação cumoniana da polêmica de Firmico Materno contra Porfírio, observa a construção da categoria “religiões orientais”. Finalizando a obra, uma conclusão de R. **Turcan** que, a partir do estudo do “leão” mitríaco na tradição literária cotejada com representações imagéticas, apresenta uma interessante leitura da obra de Cumont.

**Les Religions Orientales dans le Monde Grec et Romain: Cent Ans après Cumont (1906-2006)** traz, então, vinte e três artigos inéditos, os quais, a partir de abordagens e análises documentais distintas, põem em questão o uso e a pertinência das categorias *paganismo* e *religiões orientais* em geral, e do conceito de *cultos de mistérios* em particular.

Por que retomar tal tema, já bastante contestado pelos especialistas das religiões antigas? Seria a exumação de algo morto há pelo menos três décadas, pelo simples desejo do instituto belga de comemorar os cem anos da publicação do livro de um estudioso belga muito bem aceito pela academia e pelo mercado editorial? Não nos parece. O tema em análise permanece atual, bem como os termos *paganismo*, *religiões orientais* e *cultos de mistérios* permanecem em uso e ativos, propalados em universidades, em escolas e nos *mass media*, e a visão evolutiva da história das religiões, no momento em que assistimos à exacerbação da religiosidade e dos conflitos de base religiosa, ressurge como a fênix, com um vigor renovado.

Criticando as noções de “difusão” e de “conversão”, e operando com base na ideia de “religiões em contato”, subsumida no conceito de *interpretatio*, os autores analisam seus mecanismos em diversos lugares e grupos sociais, a partir de *corpora* documentais variados, revelando dinâmicas culturais distintas, contatos, intercâmbios e criações de divindades e rituais em textos e imagens, rituais e práticas que formam uma panóplia de situações distintas, e não um processo contínuo, ordenado e unilateral em direção a um cristianismo triunfante que, se atendeu às demandas da criação de uma memória histórica de base cristã, mascara o conhecimento do mundo antigo. Analisando o funcionamento de religiões antigas, os artigos explodem a categoria das *religiões orientais*. Mas não só isso. O grande movimento de interações religiosas ocorrido nos diversos territórios que integravam o Império Romano, que os organizadores denominam *la fabrique du polythéisme*, implode os *cultos de mistérios* e dissolve a categoria mais ampla do *paganismo*, trazendo à luz a complexidade e a vitalidade das religiões do Mediterrâneo antigo.

Essa obra coletiva surge, portanto, como um guia operatório para a desconstrução do *paganismo*, das *religiões orientais* e dos *cultos de mistérios*, o que consideramos fundamental para todos que se interessam pelo estudos das religiões antigas.

## Referências bibliográficas

- BEARD, M., CRAWFORD, M. **Rome in the Late Republic**. Problems and Interpretation. New York, Ithaca: Cornell University Press, 1985.
- BELTRÃO, C. A Religião na *urbs*. In: MENDES, N. M.; SILVA, G. V. (Org.) **Repensando o Império Romano**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006, p.137-59.
- BONNET, C., PIRENNE-DELFORGE, V., PRAET, D. (Éd.) **Les Religions Orientales dans le Monde Grec et Romain: Cent Ans après Cumont (1906-2006)**. Bilan Historique et Historiographique. Colloque de Rome, p.16-18, Novembre 2006. Bruxelles-Rome: Institut Belge de Rome, 2009.